

Conclusão

Esta tese buscou sustentar uma nova epistemologia em torno do autobiográfico, priorizando o olhar revisionista sobre as convenções de gênero que se mostram atualmente muito limitadas face às inovações que o experimentalismo literário tem alcançado nos escritos que problematizam a retórica em primeira pessoa.

A incursão no campo da Geofilosofia proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari permitiu que fossem articulados à teoria da literatura conceitos como *rizoma* e *cartografia*, que funcionam como conceitos resistentes às abordagens voltadas para os modos mimético-representativos voltados para os modelos literários tradicionais. Priorizando movimentos desagregadores e questionadores da moldura narrativa e discursiva postulada pelo gênero autobiográfico, a engrenagem conceitual elaborada nesta tese voltou-se para a evidência das *desterritorializações* (ou abandono de paradigmas e convenções enrijecidas) e *reterritorializações* (instauração da diferença no campo narrativo e discursivo) empreendidas por um novo modo de concepção literária em torno do autobiográfico.

Provou-se eficiente o uso de uma metodologia transdisciplinar, em especial ao ingresso no campo da teoria sistêmica proposta por Niklas Luhmann, a partir da qual se pode articular conceitos imprescindíveis à compreensão da dinâmica complexa em torno de uma nova discursividade autobiográfica. A *autopoiesis* do sistema literário discutido nesta tese, bem como os processos de *observação em segunda ordem* que o agenciam, se articulam à proposta da cartografia enquanto modo narrativo propenso aos diversos afetos ou atravessamentos de outros modos atuantes no ambiente literário.

A perspectiva comparatista de análise (artes plásticas, cinema e literatura) permitiu igualmente o questionamento e a ultrapassagem das limitações típicas das dicotomias tradicionais. Sustentou-se uma epistemologia voltada para a não redução das complexidades e para o investimento numa visão poliocular que não se ateve aos limites disciplinares, encarando-os como instâncias de rigor mas não de exclusão. Desse modo puderam-se abordar com produtividade as

convergências entre contribuições oferecidas pela Arte Contemporânea e o cinema junto às demais áreas de saber envolvidas, considerando suas peculiaridades e seus alcances teóricos.

Para uma investigação consistente e eficiente dos novos investimentos no campo do autobiográfico, mostrou-se mais rentável o recurso à terminologia particular, que abarca a complexidade entre a dicção e narratividade autobiográficas e o investimento ficcional. Os *ego-escritos* ficcionais são apresentados, assim, como um modo narrativo pautado pela intersticialidade, atualizando a escrita autobiográfica como *expressão* (por oposição à representação mimética de um modelo tradicional) e a enunciação em primeira pessoa como operação de uma *transdiferença* entre discursividades.

Rescindindo os compromissos com as taxonomias tradicionais que impõem a restrição e diferenciação de narrativas em tipologias (memórias, autobiografia, confissões, etc), os *ego-escritos* se afirmam como espaços-crise que desestabilizam as normatividades do gênero autobiográfico, subvertendo as estruturas e as hierarquias narrativas. Afirmando-se como expressão de um *devir-cartografia*, esse modo de discursividade autobiográfica refuta a demanda pela transcendência do eu narrado e pelo resgate da dimensão extra-textual, e se volta para a evidenciação da rentabilidade estética do texto literário a partir dos atravessamentos efetuados em seu campo de imanência.

Os *ego-escritos* denotam um investimento literário que prioriza a experimentação discursiva a partir de procedimentos tais como: 1) a translocalidade da primeira pessoa do singular pelos planos extra-, intra- e hipodieгéticos; 2) a concepção cristalina (por oposição à orgânica) da proposta narrativa, que não só descentraliza o lugar da enunciação, mas des-substancializa o eu que narra e o eu narrado; 3) a afirmação do espaço autobiográfico como um sistema aberto e passível de ser afetado por sistemas de orientação discursiva distinta, como o ficcional e o ensaísta, sustentando o caráter expressionista dos *ego-escritos*, ou seja, sua irredutibilidade ao modelo representativo.

Nos *ego-escritos* ficcionais as discursividades em 1ª e 3ª pessoa, antes distintas no modelo tradicional, passam a ser hibridizadas e consideradas como instâncias ou agentes multiplicadores, uma vez que subvertem o imperativo de uma ordem discursiva unívoca, promovendo o descentramento e a polifonia da enunciação, desestabilizando princípios como identidade, genealogia,

organicidade e teleologia, próprias do estatuto do autobiográfico ligado ao gênero homônimo, cujos padrões estéticos mantêm ainda hoje um padrão fixo e determinado. Os ego-escritos dinamizam os planos de enunciação e ação, que deixam de funcionar como unidades funcionais e operam como singularidades e intensidades que se expandem na cartografia da autodiegese.

A desterritorialização de uma estética da sinceridade, comumente considerada imprescindível no estatuto autobiográfico, e a reterritorialização num modo discursivo situado para além de vínculos com a veracidade e a autenticidade e afeto aos dispositivos do falso e do simulado, situam o ego-escrito como movimento questionador não só dos pactos ligados à exigência da identidade nominal entre narrador e escritor, mas também da idéia do centramento e organicidade do eu que fala. Por oposição, postula-se a multiplicidade da enunciação, onde antes o imperativo era o de sua univocidade. Do mesmo modo, ao invés da revelação de uma verdade da (pela) escrita, esta se mostra como artefato-artifício derivado da potência do falso atuante na linguagem literária.

Nesse sentido, os ego-escritos se afirmam como proposta estética voltada para o experimentalismo e subversão de padrões estéticos, prescindindo da procura por uma forma significativa, e apostando, por contraste, em significativas justaposições de formas e discursividades diversas. O leitor de um ego-escrito se vê diante da narração de uma primeira pessoa nômade, performando deslocamentos que não conduzem à figura substancial de um eu transcendente, sincero e revelador, mas a imagem-fluxo de uma (ou várias) persona(s) tornada(s) uma zona de fronteira discursiva, onde só é possível cartografar “no enquanto” da narrativa, em seus devires agenciados pela linguagem no seu campo de imanência. Os ego-escritos figuram na cena literária contemporânea um todo que não totaliza, um modo discursivo ele mesmo tornado sistema aberto, passível de ser afetado por outros modos e outros devires literários.

Cumpre-se no desenvolvimento desta tese com os objetivos de 1) desenvolver estratégias eficientes para uma análise literária de novos modos autobiográficos desprendidos de categorias restritivas, tais como estrutura, hierarquia e organicidade, a partir do suporte teórico oferecido por uma nova paisagem conceitual que articula contribuições da geofilosofia e da sociologia; 2) afirmar a literatura autobiográfica como espacialidade em que discursividades transdiferentes são agenciadas, desprendidas de lógicas binárias tais como

identidade e assinatura, unidade de ação e lugar da enunciação, pactos de referencialidade e veracidade; 3) mostrar que no texto de teor autobiográfico o que realmente se expande é o plano de imanência da sua confecção literária, em que primeiras pessoas referenciais e fictícias podem coexistir rizomaticamente, sem implicar a identificação, substancialização e transcendência de um sujeito das memórias; 4) confirmar que ao invés de linearidades discursivas, o espaço autobiográfico e autoficcional funciona por recursividades engendradas entre os planos extradiegético, intradieético e hipodiegético, que se atualizam como vi(r)agens discursivas no próprio eixo da confecção literária, impedindo sua redução aos padrões previsíveis de cronologia e teleologia e tornando a escritura em primeira pessoa não mais um circuito ou sistema orgânico e fechado, mas circulação desimpedida, sistema cristalino e aberto. Em outras palavras, uma cartografia ou espaço de atualização da transdiferença da primeira pessoa do singular entre suas singularidades.